

# A Ideologia de Vitimização

Feral Faun

Em Nova Orleães, logo ao lado de fora do quarteirão Francês, há um pouco de graffiti estampada na cerca que se lê: “Homens estupram”. Eu costumava passar por perto quase todo dia. A primeira vez que a vi, deixou-me furioso porque eu sabia que o graffiteiro me definiria como um ‘homem’ – mesmo nunca tendo o desejo de estuprar alguém. Nem nenhum dos meus amigos com pênis. Mas, com o passar do tempo a encontrar-me todo dia com este dogma pintado por spray, as razões para a minha raiva mudaram. Eu reconheço este dogma como uma ladainha para a versão feminista da ideologia de vitimização – uma ideologia a qual promove medo, fraqueza individual(e subsequente uma dependência em grupos de suporte ideologicamente baseados, e proteção paternalista das autoridades) e uma ignorância para todas as realidades, e interpretações de experiência as quais não conformam às visões de um do mesmo como uma vítima.

Eu não nego que não há alguma realidade por trás da ideologia de vitimização. Ideologia alguma poderia funcionar se não houvesse nenhum tipo de base na realidade. Como Bob Black já havia dito, “Nós todos somos crianças adultas de pais”. Nós todos já passamos nossas vidas inteiras em uma sociedade, a qual é baseada na repressão e exploração dos nossos desejos, paixões, e individualidade; mas é claramente um absurdo aderir derrota à nos definirmos nos termos da nossa vitimização.

Como um meio de controle social, instituições sociais reforçam o sentimento de vitimização em cada um de nós – enquanto foca esses sentimentos em direções que reforçam dependência em intuições sociais. A mídia nos bombardeia com contos de crime, corrupção política e corporativa, luta de gênero e racial, escassez e guerra. Embora esses contos geralmente tenham alguma base na realidade, elas são apresentadas bem evidentemente para reforçar o medo. Mas muitos de nós duvidamos da mídia, e então somos servidos de uma imensa quantidade de ideologias ‘radicais’ – todas contendo um grão de percepção real, mas todas cegadas por seja lá o que não interessa sua estrutura ideológica. Cada uma destas ideologias reforçam a ideologia de vitimização, e focam a energia dos indivíduos longe de uma examinação da sociedade em sua totalidade, e dos seus papéis em reproduzi-la. Ambas as mídia e todas as versões de radicalismo ideológico, reforçam a ideia da qual nós somos vitimizados pelo o que está ‘fora’, pelo Outro, e que estruturas sociais – a família, policiais, lei, terapia e grupos de suporte, educação, organizações ‘radicais’ ou qualquer outra entidade que possa substanciar um sentimento de dependência – que há para nos proteger. Se a sociedade não produzisse esses mecanismos – incluindo as estruturas de oposição parcial falsa e ideológica para proterger-se, nós podemos só examinar a sociedade em sua totalidade, e chegar a reconhecer suas dependências à nossas atividades para reproduzi-la. Então, toda a chance que nós adquirimos, nós podemos recusar nossas funções como dependêntes/vítimas da sociedade. Mas as emoções, atitudes, e modos de pensamento evocados pela ideologia de vitimização fazem tal reversão de perspectiva deveras difícil.

Aceitar a ideologia de vitimização em qualquer forma, escolhemos viver em pavor. A pessoa a qual pichou a graffiti “Homens estupram”, provavelmente era uma feminista, uma mulher a qual viu seu ato como uma rebeldia radical da opressão patriarcal. Porém tais proclamações, de fato, somente adicionam à um clima de medo que já existia. Ao invés de dar às mulheres, como indivíduos um sentimento de força, ele reforça a ideia de que mulheres são essencialmente vítimas, e mulheres que lerem essa graffiti, mesmo se elas conscientemente rejeitam o dogma por trás da mesma, provavelmente andarão nas ruas mais com mais receio. A ideologia de vitimização a qual permeia tanto o discurso feminista, também pode ser encontrada em algumas formas de liberação gay, liberação racial/nacional, guerra de classe e extremamente próximo de todas as outras ideologias ‘radicais’.

Pavor de um perigo prontamente indentificado, real e imediato à um indivíduo pode motivar ações inteligentes para erradicar o perigo, mas o medo criado pela ideologia de vitimização é um medo de forças ambas muito grandes, e abstratas para o indivíduo lidar com. Acaba tornando-se um clima de medo, desconfiança e paranoia as quais fazem mediações as quais são a rede de controle social, fazem-la parecer necessária ou até mesmo boa.

É este aparente clima de medo estupefante o qual cria o senso de fraqueza, o senso de vitimização, nos indivíduos. Embora seja verdade que vários ‘liberacionistas’ ideológicos frequentemente fanfarronam com raiva militante, raramente passa do ponto de realmente ameaçar algo. Invés disso, eles ‘exigem’ (leia “implorar militantemente”), que aqueles os quais são definidos como seus opressores, garantam-lhes sua ‘liberação’. Um exemplo disto ocorreu em 1989 no encontro anarquista “Sem Fronteiras” em São Francisco. Não há dúvida de que na maioria dos seminários que eu fui, homens tendiam a falar mais que as mulheres. Mas ninguém estava parando as mulheres de discutir, e não reparei nenhuma falta de respeito sendo mostrado às mulheres que falavam. Ainda assim, no microfone público no pátio da construção onde o encontro foi realizado, um discurso foi feito no qual proclamou que ‘homens’ estavam dominando as discursões, e mantendo as ‘mulheres’ fora das mesmas. O orador ‘demandou’ (novamente, leia “implorou militantemente”) que homens fizessem certeza que eles dessem mais espaço para as mulheres falarem. Em outras palavras, garantir os ‘direitos’ dos oprimidos – uma atitude a qual, por implicação, aceita o papel do homem como opressor e mulher como a vítima. Havia seminários onde certos indivíduos dominavam as conversações, mas uma pessoa a qual está agindo da sua força e individualidade, lidará com tal situação por imediatamente confrontando-la o quanto ocorre e cuidará com as pessoas envolvidas como indivíduos. A necessidade de estabelecer tais situações num contexto ideológico, e determinar os indivíduos envolvidos como papéis sociais, tornando a experiência imediata real, em categorias abstratas é um sinal que um escolheu ser fraco, ser uma vítima. E abraçando fraqueza coloca-o em uma posição absurda, de ter que implorar seu opressor a garantir sua liberdade – garantido que um jamais será livre por ser nada além de uma vítima.

Como todas as ideologias, as variedades da ideologia de vitimização são formas de falsa consciência. Aceitar o papel social de vítima – em qualquer uma de suas formas – é escolher nem mesmo criar uma vida para si próprio, ou explorar as relações reais que um pode ter com as estruturas sociais. Todos os movimentos de liberação parcial – feminismo, liberação gay, liberação racial, movimento dos trabalhadores e por ai vai – definem indivíduos em termos dos seus papéis sociais. Por conta disso, esses movimentos não apenas não incluem uma reversão de perspectivas, as quais quebram papéis sociais e permitem indivíduos a criar uma prática moldada através das suas próprias paixões e desejos; elas na realidade trabalham contra essa reversão de perspectiva. A ‘liberação’ de um papel social para qual o indivíduo mantém-se como o assunto. Porém, a essência destes papéis sociais dentro da visão dessas ideologias de ‘liberação’ é a vitimização. Portanto, as ladainhas dos erros sofridos devem ser recitadas por mais tempo possível, para garantir que as ‘vítimas’ nunca esqueçam que isso é o que elas são. Esses movimentos de liberação ‘radical’ ajudam a caucionar que o clima de medo nunca desapareça, e que os indivíduos continuem a ver-se fracos, e ver suas forças como dependentes dos papéis sociais, as quais são, de fato, a fonte da sua vitimização. Desta maneira, esses movimentos e ideologias agem para prevenir a possibilidade de uma revolta potente contra toda autoridade, e todos os papéis sociais.

Revolta verdadeira nunca é segura. Aqueles que escolhem definirem-se em termos dos seus papéis como vítimas, não ousam de tentar revolta total, porque isso ameaçaria a seguridade das suas funções. Mas, como Nietzsche disse: “O segredo da maior produtividade e o maior divertimento da existência é viver perigosamente!” Apenas uma rejeição consciente de ideologia de vitimização, uma negação de viver em pavor e fraqueza, e uma aceitação de força de nossas próprias paixões e desejos, de nós

mesmos como indivíduos que são maiores que, e tão capazes de viver além de todos os papéis sociais, podem prover uma base para total rebelião contra sociedade. Tal rebelião é certamente alimentada, em parte, por raiva, mas não a raiva estridente, ressentida e frustrada da vítima a qual motiva feministas, liberacionistas raciais, liberacionistas gays e o gostar de ‘demandar’ seus ‘direitos’ para as autoridades. Ao contrário, é a fúria dos nossos desejos liberados, a volta dos reprimidos com toda força e sem disfarces. Porém mais essencialmente, revolta completa é alimentada por um espírito de jogo livre e de felicidade na aventura – por um desejo de explorar toda possibilidade para uma vida intensa, a qual a sociedade tenta nos negar. Para todos de nós que querem viver a vida ao máximo, sem limitações, o tempo já passou do qual nós podemos tolerar viver como ratos envergonhados. Toda forma da ideologia de vitimização nos move para viver como ratos tímidos. Pelo contrário, vamos ser monstros loucos e gargalhões, alegremente derrubando as paredes da sociedade, e criando vidas de encantos e maravilhas para nós mesmos.

Feral Faun

A Ideologia de Vitimização

Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/feral-faun-essays#toc10>

Tradução feita pelo grupo: Traduções Anarquistas